

ESPAÇO BIOGRÁFICO DE SAQUINHO: AS CASAS DAS MULHERES IDOSAS, OS SABERES (AUTO)BIOGRÁFICOS E OS DOMÍNIOS DE SI

Aurea da Silva Pereira

Resumo: Neste artigo, discute-se a representação que a casa tem como espaço biográfico das trajetórias de vida de cinco mulheres idosas da comunidade rural de Saquinho, município de Inhambupe (BA). As casas das mulheres possuem legado histórico e sociocultural construído por cada uma delas. Para a coleta de dados, utilizou-se a pesquisa qualitativa com ênfase para os métodos etnográfico e biográfico, bem como a apropriação e utilização da entrevista narrativa. Para escrita e análise dos dados, buscou-se dialogar com Bacherlard (2008), Delory-Momberger (2012), Pereira (2008; 2014), Pineau (2006), Certeau, (1996), dentre outros teóricos. Ao analisar os excertos textuais selecionados para o texto, percebe-se que a casa se constitui essencialmente como espaço biográfico, pois nela cada membro da família se inscreve como autor e protagonista principal. É na casa que se iniciam e retomam as lutas diárias. As casas se constituem como lugar de poder, proteção e domínio. Fica evidente nas narrativas das mulheres idosas que a casa tem um significado especial, assumindo sentidos pessoais os quais extrapolam a concepção de mero espaço físico.

Palavras-Chave: Espaço biográfico. Casa. Mulheres. Domínios de si. Narrativas.

BIOGRAPHIC SPACE OF SAQUINHO: THE HOMES OF ELDERLY WOMEN, THE (AUTO)BIOGRAPHIC KNOWLEDGE AND THE DOMAINS OF THE SELF

Abstract: This article discusses the representation that the house has as a biographical space of the life trajectories of five elderly women from the rural community of Saquinho, county of Inhambupe (BA). The women's houses have a historical and sociocultural legacy built by each of them. For data collection, qualitative research was used, with emphasis on ethnographic and biographical methods, as well as the appropriation and use of narrative interviews. For writing and data analysis, we sought to dialogue with Bacherlard (2008), Delory-Momberger (2012), Pereira (2008; 2014), Pineau (2006), Certeau, (1996), among other theorists. When analyzing the textual excerpts selected for the text, it can be seen that the house is essentially built as a biographical space, since in it each family member is inscribed as an author and a main protagonist. It is in the house that the daily struggles begin and resume. The houses are built as a place of power, protection and dominion. It is evident in the narratives of the

elderly women that the house has a special meaning, taking on personal meanings that go beyond the concept of mere physical space.

Keywords: Biographical space. Home. Women. Domains of self. Narratives.

Considerações iniciais

“Quem disse que eu me mudei?
Não importa que a tenham demolido:
A gente continua morando na velha casa em que nasceu”.
Mário Quintana

Neste artigo pretende-se discutir os espaços biográficos construídos da comunidade rural de Saquinho, sobretudo as casas das mulheres de Saquinho e seus domínios, como espaços de memória, de histórias, de proteção e de aconchego. Nesses espaços as relações de fortalecimento, prazer e conforto são edificadas pelos que moram na casa, tornada espaço de intimidade. Por vezes, os valores atribuídos às casas são tão simples, mas valorosos e “tão profundamente arraigados no inconsciente, que vamos encontrá-los mais facilmente por uma simples evocação do que por uma descrição minuciosa” (BACHERLARD, 2008, p. 32). Sabemos que as casas possuem memória, vidas, segredos e mistérios que jamais serão revelados pelos seus proprietários. Mistérios que instigam a saber mais sobre as relações estabelecidas pelas mulheres sobre esse espaço tão feminino e poderoso.

Entretanto, para possuir uma casa é preciso um planejamento, caminho para construir e chegar às casas. O caminhar é uma sedução. Sempre gosto do caminhar, do caminho e da estrada, da trilha e das veredas. Quando criança, nos meus rabiscos, imagens e desenhos, sempre havia uma estrada, uma trilha. As trilhas, caminhos e estradas desenhadas sempre me proporcionavam, no imaginário, a chegada a algum lugar. Havia um horizonte almejado e conquistado. E assim tem sido até aqui. O caminho, a estrada, a trilha são meus símbolos principais para chegar a um lugar. Esse lugar pode ser minha casa, aquilo que me proporciona o conforto, o encontro comigo, meu espaço de encontro com minhas fragilidades e potencialidades.

Então, ao sair de casa e ao retornar a esse lugar, temos pleno domínio e isso se constitui em um tipo de privilégio, de segurança. Mas

precisamos da estrada. É a estrada que nos leva para luta e apresenta desafios e embates, mas é também o caminho que me conduz à casa. O caminho é um lindo objeto dinâmico, como afirma Bacherlard (2008, p. 30): “Como permanecem precisas na consciência muscular as veredas familiares da colina. Um poeta evoca todo esse dinamismo num único verso”: “Ó meus caminhos e sua cadência!” (CAUBERE, *apud* BACHERLARD, 2008, p. 30). O encadeamento dos passos e os ritmos seguido de reflexões, por vezes, se constituem em preciosidades. Às vezes, até retardamos a chegada em casa por algum medo ou receio. Contudo, a casa sempre espera por nós.

Falar da casa como espaço de aconchego, fortalecimento e encontro, é também pensá-la como lugar da intimidade. “A casa é, evidentemente, um ser privilegiado; isso, é claro, desde que consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental” (BACHERLARD, 2008, p. 23).

A casa é o nosso céu, é lá que encontramos refúgio e nos escondemos das tribulações da vida e nos fortalecemos. A casa é o nosso primeiro universo. “É um verdadeiro cosmos” (BACHERLARD, 2008, p. 24). Mas a casa também é o lugar de disputa e de conflito. A vida de cada um de nós tem como marco inicial o nascimento e todo o constructo da narrativa é tecido em uma casa em contato com a família, irmãos e outras pessoas.

Há vários modelos de casa: casas urbanas, casas rurais, casas da periferia, casas de diferentes comunidades e culturas. Pessoas que perderam suas casas, as recriam em outros espaços e nomeiam de casa. O espaço escolhido é o lugar do encontro com o corpo cansado, ali é o encontro consigo. A casa como espaço privado sempre foi destinada às mulheres, lugar onde se constituíram e aprenderam a lidar com os serviços para si destinados. Sem deixar, é claro, de aprender a sair e transitar entre os espaços privado e público. Entretanto, é no espaço da casa que as mulheres se planejam, se organizam e projetam sonhos.

Na comunidade rural de Saquinho, as mulheres tecem seu cotidiano e se reconhecem em suas trajetórias de lutas e vitórias, construídas entre o espaço privado e o espaço público. Porém, a casa é o espaço privilegiado: o lugar onde seus corpos encontram repouso. “O corpo é, assim, o lugar

primeiro, o lugar-fundamento do habitar.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 71).

Estrada de Saquinho: espaço social e histórico

O município de Inhambupe, ao longo da sua história, foi sede de outras cidades como Alagoinhas, Catu, Sátiro Dias, Aporá, Ente Rios, Aramari e Água Fria. Com o desenvolvimento e crescimento, essas localidades ganharam independência política, transformando-se em outros municípios baianos. Com a emancipação política, os limites de Inhambupe foram alterados, ficando assim divididos: Olindina e Crisópolis, ao Norte; Alagoinhas, ao Sul; Entre Rios e Aporá, ao Leste; e Sátiro Dias e Água Fria, ao Oeste.

No cenário geográfico, político e social de Inhambupe encontram-se as comunidades negras rurais e outras cujos dados apontam terem sido formadas por famílias indígenas, fato omitido pela história oficial. Os nativos dessas comunidades determinam a base étnico-racial da formação populacional do município; os traços físicos dos moradores atuais evidenciam a ancestralidade do rico legado cultural. Inhambupe não deve seu crescimento apenas aos portugueses, como é enfatizado pelos moradores inhambupenses, mas, sobretudo, aos índios, habitantes da região antes da chegada dos colonizadores. Assim como aos negros trazidos pelos lusitanos por conta da expulsão dos índios Cariri, alocados às margens do Rio Inhambupe em resistência à submissão imposta pelos portugueses.

A história contida na obra “Mares” (1993) não registra o destino desses índios após a chegada de Alexandre Vaz Gouveia, como também não menciona as comunidades rurais negras de Baixa Grande, Saquinho, Barra, Lagoa Seca e Gravatá. Essas comunidades são demarcadas pela ancestralidade negra, haja vista a influência e presença nos costumes, como alimentação, gosto musical, práticas culturais e religiosas que ainda indicam a tradição afrodescendente. Dentre as comunidades citadas, destaca-se Saquinho, *locus* desta pesquisa.

Para chegar às mulheres de Saquinho e às suas casas, precisei percorrer o caminho. Incluindo as veredas da pesquisa e suas complexidades e, sobretudo, os caminhos para chegar à estrada de Saquinho, comunidade

rural negra pertencente ao município de Inhambupe (BA). “Ainda que centrássemos nossas pesquisas nos devaneios do repouso, cumpre não esquecer que há um devaneio do homem que anda, um devaneio do caminho” (BACHERLARD, 2008, p. 30). O que pode haver de mais belo que um caminho? Nele, temos aprendizagens da imagem e a beleza do próprio caminho. Trata-se de vida experienciada na caminhada entre idas e voltas, alinhadas às reflexões das imagens capturadas das casas, de suas donas e às perguntas feitas sem resposta.

Para chegar a Saquinho, partindo de Salvador-Ba, é preciso percorrer cerca de 150 km por via pavimentada, através da BR-324 e, a partir de Alagoinhas (BA), seguir cerca de 40 km pela BR-101, atingindo as margens do Km 28 na localidade de Tabela. Tem-se aí como referência um pequeno restaurante sem nome à beira de estrada e o Posto de Gasolina BR, recém-construído, com placa de letras grandes nas cores verde e amarela. No trajeto, adentra-se por uma estrada secundária, de chão batido e nivelado que, apesar da poeira em dias quentes, traz o conforto estético pela visualização da paisagem verdejante, aliada ao canto de pássaros. E, assim, chega-se a Saquinho por essa via de terra batida, atravessando toda a comunidade, onde é possível contemplar pomares, sítios e grandes extensões com plantio de laranjeiras, mandioca, bananeiras e coqueiros.

A estrada de chão batido ainda é uma realidade em Saquinho. Em tempos remotos, tinha a função de dividir o terreno, demarcando as terras das famílias de D. Catarina e de Sr. Tuninho¹. Atualmente, faz a conexão entre os municípios de Inhambupe-Alagoinhas e as comunidades vizinhas. Seguindo essa via, vamos conhecendo uma grande parte dos moradores até chegar, pouco a pouco, aos locais onde estão situadas as casas das mulheres idosas, estudantes do TOPA² e protagonistas dessa pesquisa.

¹ Sr. Tuninho é o nome dado a um grande latifundiário da comunidade de Saquinho; seus pais e avós eram donos de escravos na região e de quase todas as terras. Com o declínio da cana de açúcar e abolição da escravidão, os bisavós e avós de D. Catarina compraram parte das terras. Durante a pesquisa de mestrado, identifiquei uma família da linhagem de Sr. Tuninho.

² TOPA-Programa de Alfabetização do atual Governo da Bahia, conduzido pelo petista Jaques Wagner. A sigla é traduzida por Todos Pela Alfabetização. O Programa foi lançado na última semana de setembro de 2007.

Para conhecermos a história de Saquinho, nos debruçamos na escuta das narrativas de D. Catarina³:

Eu ouvia minha vó que falava que aqui era uma mata, tinha uma estrada no meio nas quebrada do rio Subaúma. Era tudo mato e o candiá⁴ do outro lado. A gente viajava pela estrada e parecia que era noite, mesmo com sol quente, parecia que era de noite, do jeito que as mata era fechada. [...] Minha vó dizia que ali tinha sido aldeia do caboclo que se chamava Zumbi. E a lagoa aí, mas ninguém sabia, quem passasse quem chegasse. E foi indo, foi indo. De noite a gente ouvia os zumbiadores⁵ e já tinha encantado muita gente, ninguém podia arremedar porque se arremedasse eles assombravam as pessoas. Era assobio fino, minha senhora, um bando de coisa assobiando. E umas coisa que se chamava vaga-lume. Ainda tem hoje? Eu não vejo, no tempo que me entendia tinha muito. De noite só via eles alumando aqui, alumando acolá. E a gente com a porta fechada, pro modi não ver essa confusão. Pegou chegar gente pra fazer morada. [...]Aí pegou chegar gente e começou a desmatar as mata pra fazer roça e casa. As casas era de paia. E o povo morava nas casa de paia. Aí com pouco tempo descobriu a lagoa. A água da lagoa era da cor de leite[...] acho que quase barrenta. Quando tava chovendo, a água era fina e depois ficou cor de leite. Começaram a fazer porcaria na lagoa. Os donos da lagoa, os caboclo, os encanto da lagoa, começou a ficar com raiva. E a água começou a mudar. E ficou da cor da água do rio, mas era aquele leite, ou que nem leite. Agora não tá mais assim, mas quando me entendia era assim. Quantos mil ano tem eu não sei, mas sei que tem muito ano. Tinha muita casa perto da lagoa. As casas era todas perto, e a lagoa aí no meio, os pedaço que me alembro era assim, só tinha casa aqui e no Gravatá. Tinha um senhor que morava aqui perto da

³ Colaboradora da pesquisa do mestrado, intitulada *Percursos da Oralidade e Letramento na comunidade de Saquinho, município de Inhambupe, BA*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Departamento de Educação – Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 190f, 2008.

⁴ Conforme D. Catarina, candiá é o nome de uma árvore da região. A madeira do candiá é usada para fazer estacas e caibros.

⁵ São sons, ruídos, assobios de muitos zumbis. O termo zumbi é usado para expressar figuras sobrenaturais que assombram as pessoas nas noites escuras.

Lagoa e carregava um saco nas costas e assim ficou o nome de Saquinho.

A comunidade de Saquinho era cercada por matas, entrecortada pelo rio Subaúma, em forma de arco, circulado pela vegetação. Atualmente, não existem florestas e matas, mas sim grandes, médias e pequenas extensões de plantações de laranjeiras, mandiocas, coqueiros, bananeiras, cajueiros e pastagem de capim, divididas entre os proprietários e herdeiros das terras. A maioria dos moradores possui pequenas propriedades para a cultura de subsistência e, mesmo assim, precisam se deslocar para outras “roças” médias e para as grandes propriedades de plantações de laranjeiras, mandiocas, feijão e milho no intuito de conseguir “o pão de cada dia”; trabalhar na colheita ou se ocupar de outras atividades como capinar a terra e arrancar tocos. As laranjas e os cocos são exportados para outras cidades do Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. O feijão e a farinha produzidos são vendidos nas feiras e mercados de Alagoinhas e Inhambupe (PEREIRA, 2008, p. 214).

Cada bairro, povoado ou lugarejo tem marcas próprias que os diferenciam. Saquinho se distingue das outras comunidades rurais pela localização geográfica, formação histórica e cultural. Destaca-se pela ancestralidade e religiosidade, ressaltando a cor predominantemente negra dos seus habitantes. A cultura agrícola cultivada pelos moradores demarca o espaço rural; as festas religiosas previstas no calendário anual contribuem para o processo de construção identitária; a presença da escola na comunidade é referência para jovens, crianças e pais. A Associação de Agricultores de Saquinho é um marco importante na região, devido às conquistas sociais alcançadas por essa instituição, como: energia elétrica; posto médico; tratamento da água; ampliação da escola com a implantação dos ensinos fundamental II e Médio; aquisição de um trator para os moradores; construção de uma quadra poliesportiva, além do calçamento das vias.

Saquinho tem mais de 310 anos, destacando-se como o centro das comunidades locais. Conta com aproximadamente 1.700 habitantes, sendo formada por pequenas propriedades privadas nas quais prevalece a agricultura de subsistência. Nas histórias narradas por D. Catarina pode-se

conhecer as origens de Saquinho, bem como a chegada de alguns dos primeiros moradores, a construção das casas, a descrição das matas, da vegetação e hidrografia, contrastando um pouco com a paisagem natural modificada pela ação humana. Nas suas histórias nota-se a presença da religiosidade, mitos e mistérios, da tradição oral preservada pela memória dos mais velhos. Os mitos sobre a origem de Saquinho, as histórias contadas, os ensinamentos, o culto ao sagrado, as rezas e a utilização das plantas na vida cotidiana. Tudo isso forma o patrimônio cultural de saberes trocados e vivenciados pelos moradores, mantendo viva a tradição dos ancestrais.

Saquinho é o resultado histórico, social, cultural e linguístico das famílias que ali chegaram e formaram o povoado. E, para isso, estabeleceram pactos de convivência e foram se constituindo sujeitos moradores rurais. Vivendo de forma simples, as pessoas foram construindo hábitos sociais, religiosos e políticos para erigir a coletividade em determinado espaço no qual a vida da comunidade foi sendo gerada na essência do compartilhar do dia a dia.

As casas construídas à beira da estrada assumem formas e arquitetura de casas urbanas, outras são mais simples e a maioria preserva ainda o formato de casas rurais com varandas em torno dos imóveis. Aos poucos, a comunidade como descrita por D. Catarina vai sendo modificada ganhando novos contornos e tons com a chegada de outras gerações e pessoas que vêm de lugares diversos em busca de uma vida tranquila, usufruindo de paisagem verdejante, casas simples e acolhedoras; outros vêm em busca de terra boa para plantar. A maioria das casas é feita de blocos, tijolos, adobe, mas há também as antigas casas de taipa, algumas tão pequeninas e rústicas que logo evidenciam as condições sociais dos moradores. Uma boa quantidade de casas possui varanda na frente, onde os moradores colocam suas redes em tempo de verão para descanso e cadeiras para “prosear com os visitantes e vizinhos” nos finais de tarde e à noite. Algumas casas têm um pequeno quintal, mas os donos geralmente possuem outros terrenos para trabalhar. Ao redor da maioria das casas há plantações de laranjeiras, mandiocas, jaqueiras, cajueiros e outras árvores frutíferas predominantes na região. Os bares e mercearias são, ao anoitecer, ponto de encontro para os homens. Lá, os

moradores conversam sobre a agricultura local, a política e temas do cotidiano.

Habitar a Terra! Essa operação individual e coletiva é efetuada pela humanidade há milênios. Nossa geração atual descobre que ela pode deixá-la inabitável para as gerações futuras. Dura descoberta que exige aprendizagens inéditas, vitais, responsáveis, nas quais múltiplos níveis estão articulados: pessoal-íntimo, social-local, regional-territorial, nacional-internacional, planetário (PINEAU, 2008, p. 47).

Isso leva a pensar na autobiografia ambiental e territorial, de como os espaços ambientais, culturais e sociais são descritos. Penso que as biografias dos espaços ambientais das casas e todo o processo de construção traz um legado histórico edificado a partir dos saberes elaborados pelas pessoas que planejaram e construíram suas casas em suas trajetórias de vida.

Como afirma Pineau (2008, p. 50), “habitar não consiste em hábitos mais ou menos reflexos de se alojar. Habitar exige novas aprendizagens. Torna-se uma competência individual e coletiva para construir e para aprender”. É preciso aprender a viver e isso implica em participar e interagir com as pessoas, o que perpassa pelas melhorias das relações humanas. Então, comungar de um mesmo espaço é aprender a conviver com a diversidade, com modos de vida, suas pluralidades e singularidades. Assim, não podemos definir apenas como uma organização de pessoas, pois ali, naqueles espaços chamados pelos moradores de comunidade, é constituída uma “organização coletiva de trajetórias individuais: com ela ficam postos à disposição dos seus usuários ‘lugares’ na proximidade dos quais se encontram necessariamente para atender suas necessidades cotidianas” (CERTEAU, 1996, p. 46). De tal modo, habitar em um espaço se estende também ao cuidado das coisas que organizam aquele espaço, considerando também suas raízes históricas, suas ancestralidades, suas crenças religiosas, suas tradições.

Na comunidade de Saquinho é além disso perceptível a organização sexualizada dos espaços públicos. A igreja configura-se como o espaço das mulheres. Apesar da presença e participação dos homens, são as mulheres que demarcam o espaço pela liderança nos eventos e atividades religiosas. Já

os bares e mercearias são frequentados por homens; as mulheres não são “bem-vistas” nestes locais. Na opinião de Pierre Mayol (1996, p. 56) a organização de um espaço sexuado se constitui, “como prática de um espaço público, atravessado por todos, homens e mulheres, moços e velhos, a conveniência não poderia não levar em conta, de um modo ou de outro, a diferença dos sexos”. Há um código implícito na comunidade, o da polidez, do refinamento, impondo regras de conduta direcionadas a cada grupo. Assim, mulheres e homens têm lugares e papéis definidos; crianças, adolescentes, jovens e adultos ainda saúdam os idosos da comunidade estendendo a mão e pedindo a bênção. Os idosos, homens e mulheres, são bastante respeitados por todos. Não há espaços reservados para eles, mas há o respeito, a reverência aos mais velhos.

A compreensão sobre a cotidianidade torna-se esclarecida pelos estudos de Certeau (1996), nos quais fica expresso que a organização da vida cotidiana se articula conforme os comportamentos tornados visíveis no espaço social, resultantes da maneira de cada um se portar na comunidade. Isso se traduz pelo vestuário, pela aplicação mais ou menos estrita dos códigos de cortesia, como: saudações, palavras amistosas, modo de falar ou informar algo e ritmo de andar. Os benefícios simbólicos esperados pela maneira de se portar das pessoas perpassam pelas raízes da tradição cultural, caso das cortesias entre si nos modos de conversar; saudações que os jovens, as crianças e adolescentes fazem aos mais velhos; amizades e cumplicidades entre estes, bem como as formas de camaradagem estabelecidas entre os seus pares e vizinhos. É preciso saber se comportar dentro dos padrões culturais locais; ser conveniente, ser sociável e participar de alguma forma da vida da comunidade. Para isso, o sujeito torna-se parceiro de um contrato social implícito no qual se exige o mínimo de respeito e adequação ao jeito de viver socialmente estabelecido no sentido de tornar possível a vida cotidiana na comunidade. “Possível”, segundo Mayol, (1996, p. 39), “deve ser entendido no sentido mais trivial: não tornar ‘a vida impossível’ por ruptura abusiva do contrato implícito sobre o qual se fundamenta a coexistência da comunidade”.

Saquinho torna-se, então, mais fortemente reconhecida pelas práticas culturais dos sujeitos ali nascidos ou residentes há muito tempo. O

uso cotidiano desse espaço permite aos moradores a sua apropriação como se fosse um bem particular. Mayol (1996, p. 42) assinala:

Essa apropriação implica ações que recomponham o espaço proposto pelo ambiente à medida do investimento dos sujeitos, e que são as peças mestras de uma prática cultural espontânea” Para os moradores, o espaço se resume, ainda de acordo com este autor “à soma das trajetórias inauguradas a partir do seu local de habitação.

Ali, o sujeito se firma como morador, coparticipante do crescimento da comunidade, construindo identidades que lhes permite assumir lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente.

Consequentemente, cada sujeito pode falar de si e do lugar onde está sua história na (e com) a comunidade; da sua família e dos antepassados locais. Desse modo, em paralelo ao que Mayol (1996, p. 46) define como bairro, concebemos a comunidade enquanto “organização coletiva de trajetórias individuais: com ela ficam postos à disposição dos seus usuários ‘lugares’ na proximidade dos quais se encontram necessariamente para atender suas necessidades cotidianas”.

O encontro com as mulheres e os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa

Para chegar às residências das mulheres de Saquinho, colaboradoras da pesquisa, percorri uma estrada de chão batido ainda comum em Saquinho. O terreno de Saquinho pertencia, como já dito, às famílias de D. Catarina e de Sr. Tuninho.

É nesse contexto rural que as mulheres de Saquinho se constituem historicamente no seu universo sociocultural como trabalhadoras da lavoura, além de realizar tarefas domésticas e cumprir a missão familiar de educar os filhos. Nas suas rotinas, assumem uma sobrecarga de trabalho muitas vezes superior à dos homens. Nesse cenário rural, focamos nossa atenção para a aventura de cinco mulheres: D. Felicidade, 72 anos; D. Lili, 73 anos; D. Vitória, 73 anos; D. Celestina, 72 anos; e D. Mariinha, 58 anos. Todas ingressas na vida

escolar por meio do Programa de Alfabetização para Todos – TOPA no desejo sempre presente de aprender a ler e escrever.

Vivenciei como pesquisadora a necessidade de me colocar no lugar de aprendiz, no sentido de me abrir para entender os processos civilizatórios e históricos, as práticas sociais, as crenças e os modos de vida dos sujeitos/atores da comunidade. Sendo assim, procurei observar mais detidamente as formas como as pessoas se comunicavam, organizavam os grupos, estabeleciam as relações humanas e afetivas, definiam maneiras de trabalho e expressavam as crenças e valores no cotidiano da vida. Direcionei minha atenção aos núcleos familiares, aos papéis intergeracionais, conhecendo mais sobre a vida simples dessas pessoas, bem como suas conquistas diárias, dificuldades e preconceitos enfrentados.

Ao conhecer um novo membro da comunidade, colocava-me à escuta por mais informações. Cada voz, em ressonância, trazia outras vozes como a do silêncio, da indiferença, da denúncia e da exclusão. Aos poucos, fui conhecendo idosos/idosas que frequentavam as missas, os cultos e os espaços de escolarização. A participação nesses espaços sociais revelava-me os passos da etnografia (GEERTZ, 1989; LAPLANTINE, 2004) porque dava visibilidade a saberes local. Tornava clara a necessidade de adentrar no *lócus* da pesquisa a fim de identificar elementos que possibilitassem a elaboração de uma leitura descritiva.

Nesse processo de aproximação e compreensão de Saquinho e de seus atores, apropriei-me dos procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2008; ANDRÉ, 1995; MINAYO, 2008; LÜDKE; ANDRÉ, 1986; MARTINS, 2004), na tentativa de compreender as práticas sociais e culturais de letramento experienciadas pelas mulheres idosas. Nesta investigação, optamos pela perspectiva etnográfica (GEERTZ, 1989; LAPLANTINE, 2004).

Em referência à definição dos procedimentos teórico-metodológicos da investigação, constatei que o campo de pesquisa se configurou em duas perspectivas investigativas: na primeira, focamos na descrição da comunidade de Saquinho com ênfase na formação histórica, social e cultural; a descrição das casas das protagonistas da pesquisa, além das agências e práticas sociais

de letramento. Na segunda, centramos nas narrativas autobiográficas do grupo de idosas, revelando trajetórias escolares e inserção nos eventos e práticas de letramento. Nessa segunda, optei pelo método da pesquisa (auto)biográfica por considerar ser o mais apropriado para (des/re)velar as subjetivações das narrativas produzidas.

As narrativas (auto)biográficas se constituíram em materiais primários e deram grande contributo à compreensão do objeto de pesquisa, além de estar relacionadas com os registros etnográficos e as outras fontes organizadas no decurso da pesquisa.

Para Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 91): “[...] através das narrativas, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”. Ressaltamos que as narrativas de vida conduzem os sujeitos ao encontro e reconhecimento de si, considerando as experiências e aprendizagens ao longo do processo de formação.

Desse modo, como pontua Bertaux (2010, p. 18): “a narrativa de vida se constitui num gênero dialógico produzido por uma entrevista narrativa”. A característica principal desse gênero dialógico é a de constituir um esforço para uma narração que remete a uma estrutura diacrônica, elaborando o percurso de vida.

A utilização das narrativas de vida se mostra aqui particularmente eficaz, pois essa forma de coleta de dados empíricos se ajusta à formação das trajetórias; ela permite identificar por meio de que mecanismos os sujeitos chegaram a dada situação, como se esforçam para administrar essa situação e até mesmo superá-la (BERTAUX, 2010, p. 27).

Na pesquisa, o uso de entrevistas narrativas foi de extrema importância ao permitir conhecer múltiplas faces da vida de cada idosa e demarcar experiências singulares, deixando transparecer subjetividades.

Ao término da coleta de dados, todo o material obtido pelas diferentes técnicas utilizadas foi textualizado. Portanto, para transcrição e textualização das entrevistas gravadas, os diálogos e esclarecimentos foram

cruciais para a organização dos escritos e posterior análise da fala das idosas. De acordo com Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999, p. 69):

A história de vida registrada forma um conjunto, comportando uma trama que escapa à leitura passo a passo ou à escuta do material em bruto. As redundâncias excessivas tornam-se pesada, as alusões a um para-lá-da-narrativa tornam-na hermética. É, pois, preciso clarificá-la e ordená-las, podendo estas duas operações ser praticadas com um mínimo ou um máximo de intervenções sobre o registro.

Desse modo, todo material da entrevista precisou ser revisto, eliminando as repetições, os ruídos, palavras desconexas do contexto etc. Feito isso foi possível iniciar o processo de textualização e retextualização. Seguiu-se o apregoado por Meihy e Holanda (2007) para quem o processo de revisão e reorganização do material serve para eliminar as perguntas e tornar o texto mais claro.

Tratando-se de uma pesquisa sobre histórias de vidas, a organização deste tipo de texto, segundo Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999, p. 79):

[...] implica, por um lado, uma condensação e, por outro, uma montagem. Como efeito a história falada é aligeirada das intervenções do inquiridor, das repetições devidas à situação de entrevista, dos desvios da conversa, sem relação com a narração e ligadas a situação cara a cara, do volta atrás provocado pelas interrupções das conversas etc. Nem todas as redundâncias devem necessariamente ser suprimidas, já que a repetição de um tema e a importância que ele tem na narrativa possuem uma significação própria.

Por conta disso, o tratamento dispensado às entrevistas teve o intuito de restituir-lhes o sentido materializado pelo processo de textualização e retextualização realizado com a transcrição das narrativas contadas, buscando ser fiel ao “dito” e “não dito” nas entrevistas.

Para análise das fontes coletadas, a trama interpretativo-compreensiva (RICOEUR, 1976) foi utilizada a partir das proposições teóricas de análise da pesquisa biográfica de Schütze (2011) e da análise compreensiva

de Bertaux (2010). A opção metodológica da pesquisa qualitativa, ancorada nos métodos etnográfico e biográfico com ênfase nas histórias de vida de mulheres e no seu cotidiano em família e nos espaços do TOPA, permitiu a análise interpretativa de Ricoeur (1976, p. 99), partindo da percepção de que “compreender um texto é seguir o seu movimento do sentido para a referência: do que ele diz para aquilo de que ela fala”. Ainda para Ricoeur (1976, p. 86): “o termo deve, pois, aplicar-se não a um caso particular de compreensão, a das expressões escritas, mas a todo processo que abarca a explicação e compreensão”.

Os dados coletados por meio do diário de campo, observação participante, entrevistas narrativas, filmagens, narrativas conversacionais e entrevistas episódicas se constituíram em fontes. Ao construir o *corpora* de pesquisa, iniciei a leitura analítica dos dados, tendo como pauta de estudo o objeto, as questões norteadoras, o problema da pesquisa e os objetivos. Assegurada desses aspectos, procurei estudar minuciosamente cada fonte de pesquisa e estabelecer os eixos temáticos a partir do objeto epistemológico.

E, para a construção desse artigo, apresento as casas das mulheres como espaços biográficos de domínio de si, fortalecimento e empoderamento.

O encontro com as mulheres em suas casas

O território onde se desdobram e se repetem o dia a dia gestos elementares das “artes de fazer” é antes de tudo o espaço doméstico, a casa da gente. De tudo se faz para “não se retirar dela”, porque é o lugar “em que a gente se sente em paz”. “Entra-se em casa” no lugar próprio que, por definição, não poderia ser lugar de outrem. Aqui tudo visitante é um intruso, a menos que tenha sido explícita e livremente convidado a entrar. Mesmo neste caso, o convidado deve saber “ficar no seu lugar”, sem atrever-se a circular por todas as dependências da casa; deve saber, principalmente, abreviar sua visita, sob pena de cair na categoria (temível) dos “importunos” das boas maneiras, ou, pior ainda, daqueles que devem ser evitados a todo custo, pois não sabem ser convenientes nem manter “certa distância” (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 203).

Cumprindo todo o ritual de visita explícito pelos autores, visitei cada uma das protagonistas da pesquisa em suas casas, com agendamento feito antecipadamente a fim de ouvi-las e gravar a entrevista narrativa.

A primeira casa foi a de D. Lili – moradia construída recentemente, ainda sem pintura, mas bastante aconchegante. O imóvel dispõe de um pequeno jardim à frente e uma parte encontra-se em processo de construção.

Em seguida, encontrei a residência de D. Vitória, esposa de Sr. Gilberto. A casa simples foi pintada na cor verde água; ao redor há muitas árvores frutíferas e plantações de mandioca, milho e feijão. Nas paredes internas, da mesma cor, encontramos imagens de santos dos quais D. Vitória é devota; um calendário anual e fotos da família. D. Vitória faz parte da Associação de Moradores e da Igreja Católica.

Ao sair da casa de D. Vitória, avistei a casa de D. Felicidade e do Sr. Lídio. Eles são os pais da alfabetizadora que ministra as aulas do TOPA numa sala anexa à própria residência, denominada Espaço do TOPA I. A casa é ampla e aconchegante, pintada na cor azul e tem um grande pomar com laranjeiras, coqueiros, jaqueiras, cajueiros e mangueiras. Eles também plantam feijão e milho e têm uma pequena horta para consumo familiar. Nas paredes da sala há fotos da família, uma imagem da Bíblia e o calendário anual. No portão da casa existe uma placa onde se lê: “Vende-se produtos de limpeza *Amway*”. Próximo à casa de D. Felicidade há a Igreja Assembleia de Deus, templo religioso frequentado por ela durante a semana e aos domingos. Lá são realizados círculos de oração; funciona a escola bíblica e são feitos os cultos de adoração a Deus.

Continuei caminhando e cheguei à Praça de Saquinho, pavimentada com paralelepípedos. Neste local, estão os supermercados, bares, sorveteria, posto de saúde e a Igreja de Nossa Senhora das Candeias. Há ainda uma escola no centro. Segui em frente, em direção à quadra poliesportiva e a casa de D. Catarina, onde mora com sua nora, netos e bisnetos. Logo ao lado, temos a casa de Sr. Zé de Rufino, filho de D. Catarina. À frente, a Igreja Cristã do Brasil e o novo Posto de Saúde; do outro lado, a Associação dos Agricultores de Saquinho, espaço onde também acontecem as aulas do TOPA denominado Espaço do TOPA 2.

Segui pela mesma estrada e chegamos à casa de D. Celestina, esposa do Sr. Magno. A casa fica em uma chácara com plantações diversas de legumes, hortaliças e frutas, um pouco recuada e com um portão grande à frente. Todas as vezes que fui visitá-la, tive que chamá-la em voz alta, porque há uma criação de cães que ficam alvoroçados com a presença de estranhos. Nas paredes da casa de D. Celestina é bastante evidente a presença de imagens de santos, sem faltar o calendário anual.

Segui a estrada de chão batido e à frente percebi a demarcação das antigas terras que dividia as famílias de D. Catarina e Sr. Tuninho. Visualizei as bananeiras, considerada por Sr. Zé de Rufino⁶, como herança e patrimônio da família, pois ali era a senzala. Suas narrativas rememoram a importância desse local:

As bananeiras é o que tem de melhor nessa roça, é patrimônio dos nossos avós, tem mais de 200 anos [...] Esse bananal era do avô dela. Por mim tava toda lá, mas meu irmão chegou de São Paulo e arrancou a metade pra plantar laranjeira, eu peguei uma briga pra não arrancar. Lá nas bananeiras morava muita gente, a tia de mamãe, a irmã de mamãe, a finada Rosa, lá morava muita gente. Minha mãe dizia que ali antigamente foi uma senzala [...] Uma certa vez houve uma conversa de vender o terreno, a faixa⁷ também causou um prejuízo pra gente porque queria que a gente arrancasse toda a bananeira. E minha mãe chorou muito e me pediu pra cuidar e não deixar ninguém destruir. Eu disse: “Enquanto eu for vivo, ninguém mexe nas bananeiras”. Ali já deu comida a todo esse povo. É uma herança dos nossos descendentes.

As bananeiras constituem, portanto, o lugar que inaugura a vida dos seus ancestrais; ali há marcas identitárias que revelam significados vários, tais como: escravidão, moradia, terreiro de candomblé, presença de familiares. As

⁶ Sr. Zé de Rufino, também colaborador da pesquisa de mestrado intitulada *Percurso da Oralidade e Letramento na comunidade de Saquinho, município de Inhambupe, BA*. 2008.190f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Departamento de Educação – Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

⁷ Faixa é o local conhecido por todos da comunidade, por onde passa a Rede Hidroelétrica de Paulo Afonso da Companhia Hidrelétrica do São Francisco-CHESF.

bananeiras são referenciais do começo de tudo. Engloba o início da ancestralidade, das primeiras famílias que ali chegaram, construíram o lugarejo e as plantaram para que seus frutos pudessem lhes alimentar. As bananeiras são consideradas, assim, como o lugar da vida. É ali que Sr. Zé de Rufino enxerga a continuidade dos vínculos comunais com as raízes da tradição familiar de origem africana. Em síntese, as bananeiras representam o alimento para o corpo e o espírito; a continuidade da vida, da cultura e da tradição ancestral. Matar as bananeiras seria interromper esse ciclo (inter)(trans)geracional.

Após a trilha que segue para as bananeiras, ao lado da Rede Hidroelétrica de Paulo Afonso, abandonei a estrada de chão batido em direção ao Rio Subaúma, onde uma ponte demarca a divisa entre Inhambupe e Alagoinhas. Ao mudar o rumo para a estrada da comunidade rural de Mocambo, logo à frente encontramos a casa de D. Mariinha. Uma residência simples, pequena e bem cuidada, com imagens de santos e também um calendário exposto à parede, além da coleção de livros de culinária bem visível aos visitantes. Em sua casa, moram uma tia idosa surda, um tio idoso, a nora e o filho. Nos arredores da casa há muitas árvores frutíferas e uma plantação de legumes e hortaliças. Foi nessa casa simples que passei horas, entretida com as histórias intermináveis narradas por D. Mariinha.

Entre trilhas e trilhas, com difícil acesso de carro, chega-se à antiga casa de D. Lili, local onde os primeiros laços de confiança entre pesquisadora e colaboradora foram estabelecidos, pontuados pelas primeiras entrevistas narrativas. Recentemente, D.Lili mudou-se para a casa nova, no centro da comunidade de Saquinho. Contudo, seu pomar, plantações de mandioca, feijão, milho e batata doce continuam no sítio.

O aconchego da casa, o porto seguro e o fortalecimento das identidades femininas

Aqui os corpos se lavam, se embelezam, se perfumam, têm tempo para viver e sonhar. Aqui as pessoas se abraçam e depois se separam. Aqui o corpo doente encontra refúgio e cuidados, provisoriamente dispensado de suas obrigações de trabalho e de representação no

cenário social. Aqui o costume permite passar o tempo 'sem fazer nada', mesmo sabendo que 'sempre há alguma coisa a fazer em casa'. Aqui a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão suas maneiras de agir, de sofrer, de desejar (CERTEAU, 1996, p. 205).

A casa é um dos lugares privilegiados para que os corpos se reconheçam e encontrem maneiras de estar em casa, parte desse corpo também. A casa é o lugar onde inscrevemos nossos modos de ser e nos relacionar com o mundo. Assim, a casa como espaço biográfico se constitui como o primeiro espaço de socialização. Ali, o universo familiar define o jeito de ser das pessoas, assim como as práticas culturais e sociais estabelecem a iniciação das primeiras aprendizagens. É na casa que se desenvolvem os primeiros hábitos associados aos padrões sociais da família, o que Bourdieu(2008) denomina de *habitus* do campo familiar. Enquanto corpo, a casa é o lugar no qual a pessoa se define, apresenta, aspira e rememora; a casa é o espaço no qual o corpo busca viver com segurança. Na casa, se procura refúgio para dormir, descansar, viver e sentir segurança. Susan Saegert (1985, p. 292) aponta:

A maior parte da atenção (das teorias sobre moradias) é dada a expressão do self como um indivíduo psicológico em relação a uma estrutura social. A existência física do self em interdependência com o ambiente recebe pouca atenção seja no nível individual ou como um aspecto primário de arranjos sociais. Isto é, na maioria das sociedades, a moradia propicia um espaço primário para comer, dormir, armazenar e cozinhar, fazer sexo, cuidar das crianças e dos doentes, vestir-se, etc. Estas atividades são, ao mesmo tempo, biologicamente necessárias e realizadas de modo profundamente significante, cultural e individualmente.

As narrativas (auto)biográficas das mulheres idosas trazem revelações interessantes sobre a representação simbólica da casa. Sabe-se que a casa é um espaço importante, mas para a mulher a casa tem uma representação mais intimista. Bachelard (2008) analisa simbolicamente a casa como um espaço de felicidade; “É um pedacinho do céu”, confirma D.

Felicidade. “A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar, na sequência de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança (BACHELARD, 2008, p. 25).

O sentimento que une as mulheres à casa recebe a denominação de topofilia, termo usado por Tuan (1974) para explicar as percepções, atitudes e valores que se estabelecem como um elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. As casas representam o valor humano que as mulheres e homens constroem com afinco, depositando ali toda sua dedicação. A casa é o espaço de posse que demarca as identidades de seus moradores. Esses sentimentos são visibilizados nos relatos aqui transcritos:

Ter minha casa direitinho com minha roça e passar os dias em pé segura me faz sentir poderosa. Ter meu marido, e Deus dá o poder da gente viver até que Deus nos separe. Entre as quedas, viver até o dia em que Deus quiser. Chamando por Deus a pessoa se sentirá poderosa (D. Celestina- Entrevista narrativa).

Percebe-se “a casa como um corpo de imagens que dão aos homens razões ou ilusões de estabilidade” (BACHERLARD, 2008, p. 30). D. Celestina imagina e reimagina a sua realidade tomando como ponto de partida as trajetórias de vida construídas com seu esposo. A casa é pensada como um ser que dá estabilidade social, cultural, política e econômica. E, para além disso, proporciona paz, segurança, conforto. Distinguir todos os significados atribuídos a casa, “seria revelar a alma casa. Seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa” (BACHERLARD, 2008, p. 30).

A casa como espaço privado protege os corpos vivos que ali habitam. Fornece aos sujeitos residentes muito mais que proteção. Naquele espaço, as pessoas aprendem a lidar com seus conflitos, medos e paixões. Casa e habitantes encontram juntos serenidade para viver por muitos anos, enfrentando bons e maus tempos. O espaço da casa é o espaço biográfico que somos, “o nosso ser corporal pertence à extensão e a materialidade do espaço; somos, portanto, espaço no espaço” (DELORY-MOBERGER, 2012, p. 66).

D. Celestina apresenta sua casa como a um lugar de poder, firmeza e segurança. Ali, ela se firma e constrói laços de afetividade, amizade e

fortalecimento, demarcando sua identidade de mulher e companheira de vida do seu esposo. “O núcleo original de nossas experiências é constituído por essa relação sensível e dinâmica de nosso corpo espaço que nos engloba e no qual encontramos outros corpos-espacos” (DELORY-MOBERGER, 2012, p. 66). Ou seja, os saberes biográficos de D. Celestina com seu esposo experienciados e vividos naquele espaço social, cultural e geográfico. A busca por convivência harmoniosa privilegia seus modos e *habitus* (BOURDIEU, 2008) construídos no processo de união entre eles e a casa como lugar. “O espaço não é apenas um continente, um receptáculo de nossos estados e de nossas ações, ele é parte integrante de nossa experiência, é constitutivo de nossa experiência” (DELORY-MOBERGER, 2012, p. 66).

Para D. Felicidade, nas suas narrativas, foi importante relatar o histórico da construção da casa como resultado de um empreendimento familiar. Com a aposentadoria, após completar 60 anos, ela investiu seus recursos financeiros na reforma e na arrumação estética da casa. Observa-se que, na sua concepção, a velhice aparece como fase de investimento, realização de projetos de vida e de conquista de autonomia, como se pode observar:

A casa de minha mãe era na Barra. Lá, nós moramos oito anos. Quando nós fomos para São Paulo, o irmão dela dividiu o terreno. Quando minha mãe chegou ficou muito triste, pois não tinha mais nada e não quis ficar mais ali. Não tinha mais sentido. Nós compramos esse terreno aqui. Eu não. Minha mãe comprou tudo. Ai, ele mesmo, meu tio que tomou o terreno de minha mãe e disse: – Passe o terreno para o nome de tua filha e faz a casa pegada com a dela. Minha mãe concordou e fez a casa pegada com a minha. Nós reformamos a casa toda. Nesse tempo ainda existia a Bahia Fruta, aí eles trabalharam lá e trouxeram as madeiras. Compramos um caminhão de madeira e trocamos a madeira da casa toda. Ela ficou comigo. Minha mãe adoeceu e faleceu. Quando ela faleceu, nós ficamos lá na outra casa ainda. Depois a casa ficou ruim e a coisa foi melhorando e nós construímos essa aqui. [...] Aos sessenta anos foi muita felicidade, uma grande felicidade, conquistei minha aposentadoria e me senti voando nas nuvens. Aí comecei a inventar moda, comecei arrumar minha casa da forma que tive vontade e

ainda não terminei, viu? Ela está me servindo, mas ainda quero mais. O marido me ajudava, me dava um dinheirinho, era pouco, mas dava pra tudo. Agora, está sendo muito bom, hoje ganhei minha independência, depois que me aposentei (D. Felicidade – Entrevista narrativa).

Ao construir uma casa, o sujeito apropria-se, “emoldura” a casa ao seu modo, desde a pintura, janelas, pisos, móveis, objetos, adereços e utensílios domésticos, bem como a forma de arrumar cada canto. Tudo isso reflete hábitos, valores e modos de vida. A casa se apresenta carregada de emoções e sentimentos. Tudo isso reflete no seu eu, porque é o espaço onde se busca refúgio, segurança; onde o corpo encontra repouso e ganha vitalidade; lugar onde as pessoas idealizam projetos e concretizam sonhos; é na casa que as famílias criam e educam os filhos; mas a casa pode ser, também, um espaço fronteiro, de negociação, às vezes, de tensões entre os membros.

De acordo com Bachelard (2008, p. 57):

Se nos pedissem para fazer um levantamento do onirismo do cottage de Thomas de Quincey revivido por Baudelaire, diríamos que traz consigo o cheiro inexpressivo do ópio, uma atmosfera de entorpecimento. Nada há que expresse a valentia das paredes, a coragem do teto. A casa não luta. Dir-se-ia que Baudelaire só sabe fechar-se entre cortinas.

A casa oportunizou a D. Felicidade um sonho, o ópio, uma atmosfera de felicidade e bem-estar. A casa não luta, mas dá aconchego, proteção, sensação de que tudo lá fora pode estar mal, mas em casa se está protegido de tudo. E isso cria um sentimento de coragem e desejo de seguir. É na casa (e de casa) que vigiamos e esperamos. A casa nos permite a olhar para fora e vislumbrar um mundo melhor sob a proteção proporcionada.

“Minha casinha” é o termo usado por D. Lili ao mencionar o dinheiro dos tempos de trabalho empregados na sua construção.

Quando recebi o primeiro dinheiro de aposentadoria, ele (patrão) bateu minhas contas e me liberou. [...] Com 73 anos, eu, com o suor do meu trabalho e ajuda de Deus construí minha casinha. Trabalhei numa fazenda, meu

patrão me deu meus tempos, juntei com meu trabalho e fiz minha casa. Agora, estou me mudando para a casa nova, porque onde estou é muito distante sem vizinhos, aqui vai ser melhor, porque tenho vizinhos. [...]A alegria da minha vida foi ter minha casa. Aos 30 anos trabalhava numa fazenda, fiz meu barraco, meu patrão me ajudou (D. Lili – Entrevista narrativa).

A casa é tida como espaço da prosperidade e da alegria. A alegria é um sentimento nobre presente em nossas emoções que pode modificar nosso modo de enxergar o mundo. É no corpo o primeiro espaço que a alegria habita e transmuta para outros espaços. Evidentemente, que “todos os abrigos, todos os refúgios, todos aposentos têm valores oníricos consoantes” (BACHERLARD, 2008, p. 25). A casa se constitui como um lugar de proteção e apoio na narrativa de vida de D. Lili. “A casa não vive somente no dia a dia” (BACHERLARD, 2008, p. 25), ela está relacionada aos sonhos, às imagens, à infância e aos projetos de vida. A casa transmite um lugar de conforto e segredo.

Para D. Lili, a casa se constitui em um projeto financeiro concretizado pela poupança, decorrente do reconhecimento dos frutos de seu trabalho. Isso se faz presente em sua trajetória de vida, ao juntar rendas para construir sua casa. Insatisfeita com a casa no sítio, ela comprou um lote de terra na estrada de “chão batido” que leva as pessoas ao centro de Saquinho, pois ali se sente mais próxima dos amigos [ela justifica que na casa do sítio ficava sozinha, distante de toda a vizinhança].

D. Mariinha fala pouco sobre sua casa, referindo-se ao imóvel como “um barraco”, considerando-a, deste modo, uma habitação pobre e desprestigiada. Para conseguir essa construção, reconhece que contou com a ajuda do patrão. Na sua fala fica evidente que ali ela realizou seu sonho, sentiu-se segura e protegida, mas não afirma que ficará no “barraco” até o fim da vida. Isso sugere projetos de melhorias de vida, apesar de não estarem explícitos no depoimento.

Morei muito na casa dos outros, nas terras dos outros, que pra beber água tinha que andar muito, pra achar um pote d’água, uma lenha pra cozinhar. E hoje graças a Deus, pai poderoso, pai eterno, pai do céu. Hoje moro nesse

barraco com essas telhas em cima, é o meu suor mais do meu velho. Ele trabalhou muito, quebrou muita pedra na pedreira de Euriquinho, e eu na roça plantando essas mandioquinha pra dar de comer aos nossos filhos, com isso mesmo fomos recuperando dinheiro e nós compramos e estamos morando. É a grande felicidade de minha vida que eu daqui não pretendo sair com a vida pra outro lugar, quero ficar até chegar o dia de eu ir pra outra terra. Moro nesta casa tá com mais de 36 a 38 anos (D. Vitória – Entrevista narrativa).

Observando os excertos selecionados, compreendemos que as casas têm significados diversos. Além disso e apesar de essas idosas estarem imbricadas por sentimentos semelhantes assemelham, ao falar de cada casa se expressam a partir de uma representação simbólica em evidência, pois suas práticas sociais, culturais, religiosas e estilos de vida são essencialmente preservados nos espaços familiares. Assim, cada uma se apropria e se relaciona com a casa de forma diferenciada. Os processos de apropriação de uma casa são complexos e se organizam em aspectos fundamentais: a ação de transformar o espaço, a demarcação identitária de lugar e a identidade do sujeito que se relaciona e interage com os processos afetivos, cognitivos e interativos (GONÇALVES, 2007, p. 28-29).

Ainda argumentando sobre a natureza simbólica da casa, Jean-Pierre Vernant (1973, p. 197-198) aponta para a associação entre a interioridade da casa e a sensação de segurança da mulher, em contraponto ao que simboliza para o homem. Pondera:

O espaço doméstico, espaço fechado, com um teto (protegido), tem, para os gregos, uma conotação feminina. O espaço de fora, do exterior, tem a conotação masculina. A mulher está em casa em seu domínio. Aí é o seu lugar; em princípio ela não deve sair. O homem, pelo contrário, representa no oikos⁸, o elemento centrífugo: cabe-lhe

⁸ Formação: Oikos+Logos (palavra grega). Ecologia: Estudo das relações entre os seres vivos e o meio ambiente em que vivem, bem como as suas influências; estudo dos ecossistemas, estudo do desenvolvimento das comunidades humanas em suas relações com o meio ambiente. Fonte: Dicionário Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/ecologia/81/>. Acesso em: 18 jul. 2011.

deixar o recinto tranquilizador do lar para defrontar-se com os cansaços, os perigos, os imprevistos do exterior.

As mulheres estabelecem, assim, relações de afetividade, felicidade, segurança e empoderamento através da casa, pois ali se fortalecem e cuidam da alimentação, das roupas e da saúde. É na casa, apontam Certeau e Giard (1996, p. 205), que “[...] os corpos se lavam, se embelezam, se perfumam. Aqui as pessoas se estreitam, se abraçam e depois se separam”. A casa transforma-se, então, em sinônimo de vida: o espaço propício à celebração dos ritmos, dos tempos e da existência. Corpo e casa são lugares de celebração, bem como de sofrimento. No caso de decepções, as pessoas buscam refúgio em casa, porque nesse espaço o corpo encontra lugar para se (re)fazer. A casa está, enfim, relacionada ao corpo individual e social. Retomando a metáfora entre casa e corpo, segundo Rabinovich (2012, p. 23), os objetos refletem individualidades que se transformam em socializações, formas de se apresentar e se comunicar com o outro. Diz:

Casa e corpo podem ser vistos como objetos espacializados e suportes objetáveis de uma representação socializada de si e de uma comunicação com o outro, referidos aos códigos culturais atribuídos à sua morfologia e ao seu posicionamento no espaço, e aos seus anexos – objetos/ornamentos que os complementam.

Ao prestarmos atenção a cada mulher e suas respectivas casas, conclui-se que a construção da identidade feminina é fortemente demarcada por este ambiente. Nele, a mulher pode transitar e exercer sua autoridade, mesmo quando reconhece no marido a voz de comando. A casa aparece como representação metassimbólica, associada à função de “maternagem”, constituindo-se numa simbologia que aparece como o útero sócio-historicamente construído (RABINOVICH, 2012, p. 23).

Considerações finais

Ao observarmos o pensamento de cada mulher sobre a casa como espaço biográfico de alegria, proteção, refúgio, prazer também a notamos

como lugar de conflitos. Percebe-se que para D. Celestina, D. Felicidade e D. Lili a casa aparece como espaço de realização pessoal e familiar. D. Vitória, por sua vez, expressou o desejo pessoal de querer sair da casa dos outros, realçando a luta nas tarefas cotidianas. Ter a casa própria foi o resultado de muitos esforços por parte dela e do esposo. Ela reconhece, entretanto, essa conquista como decorrente da ‘obra divina’. Percebe-se, também, em sua fala, um forte sentimento de pertencimento e lealdade à terra, pela determinação de não abandonar a casa. Isso significa o desejo de permanecer ali até os últimos dias de vida. Diferentemente de D. Mariinha e de D. Vitória, que se referem às suas casas como barracos⁹, distinguindo as condições precárias da moradia.

A casa constitui-se, essencialmente, como um espaço biográfico, pois nela cada membro da família se inscreve como autor (a) e protagonista. É na casa que se inicia e se retoma a escrita da vida. Na casa dos pais, os filhos principiam as aprendizagens, reflexões e orientações para alçar voos. A cada nova casa percebe-se a sensação de (re)inícios, (re)encontros, (re)tomadas de vida. Fica evidente nas narrativas das mulheres idosas que a casa tem um significado especial, assumindo sentidos pessoais os quais extrapolam a concepção de um espaço físico.

Enfim, em consonância com as narrativas das mulheres idosas da pesquisa, a casa se configura como espaço de pertencimento, identidade e de desenrolar da vida cotidiana, corroborando com Bachelard (2008, p. 24): “Porque a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”. O ser humano sem casa fica disperso no mundo; é como se perdesse sua identidade; suas origens; seu chão. Ali, os corpos femininos como espaços biográficos se protegem e se fortalecem nas relações construídas com a casa, enquanto espaço da memória, das lembranças de si e da família.

⁹ O termo barraco é usado na zona rural para se referir às casas de menor prestígio social.

Referências

- ANDRÉ, Marli E.D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Trad. Pedrinho A. Guareschi, 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Trad. Zuleide A. C; Denise M. G. Lavallée. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Trad. Sérgio Miceli; Mary A. L. de Barros; Afrânio Catani; Denice B. Catani; Paula Montero; José C. Durand, 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Trad. Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi, Nelson Patriota. Natal, RN: EDUFRRN, 2012.
- GONÇALVES, Teresinha Maria. *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Unijuí, 2007.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- JOVCHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LAPLANTINE, François. *A descrição etnográfica*. Trad. João Manoel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MARES, Estela. *Evolução histórica de Inhambupe*. Salvador, BA: Art-Contemp, 1993.

MARTINS, Heloisa Helena. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Universidade de São Paulo – Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Percursos da Oralidade e Letramento na comunidade rural de Saquinho, município de Inhambupe, BA*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Departamento de Educação – Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho*. 2014, 197 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

PINEAU, Gastón. Aprender a habitar a terra: ecoformação e autobiografias ambientais. In: PASSEGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.) *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: PALLUS, 2008.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. *Histórias de vida: teoria e prática*. Trad. João Quintela. 2. ed. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1999.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. A casa, o corpo e sua poética. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira *et al.* (Org.). *Poética do Corpo*. Salvador, BA: Universidade Católica de Salvador, 2012.

RICOEUR, Paul. Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

SAEGERT, S. The role of housing and the experience of dwelling. In: ALTMAN, I; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985.

SHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (Org.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação*, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1974.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.